



Universidade de Brasília

Instituto de Letras

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

Barbara Ferreira Andrade

**A REVISÃO COMO FERRAMENTA PARA O DESENVOLVIMENTO
LINGUÍSTICO E CRÍTICO NA PRODUÇÃO DE TEXTOS**

Brasília
2015

Barbara Ferreira Andrade

**A REVISÃO COMO FERRAMENTA PARA O DESENVOLVIMENTO
LINGUÍSTICO E CRÍTICO NA PRODUÇÃO DE TEXTOS**

Trabalho de pesquisa apresentado à Universidade de Brasília como pré-requisito para conclusão do curso de Letras – Português. Orientadora: Professora Dra. Eloisa Nascimento Silva Pilati

Brasília
2015

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço à minha mãe, que sempre acreditou e confiou em mim mais do que eu mesma. Também agradeço a ela por ter me ensinado tudo que sei e por ser um exemplo de mulher que batalha por seus objetivos sem nunca passar por cima de ninguém ou fazer algo de maneira errada.

Agradeço ao meu irmão pelo incentivo aos estudos e por, também, sempre confiar em mim. Agradeço ao meu tio, por ter sido sempre tão presente em minha vida e por ter feito tudo o que estava ao seu alcance para me ajudar.

Agradeço aos meus professores, todos eles, desde o ensino básico, pois, se hoje concluo esta etapa, sei que eles têm fundamental importância em todo o processo.

Não posso deixar de agradecer aos meus amigos, que, nos momentos de desespero, seja nas provas ou apenas em trabalhos, sempre me ajudaram da melhor forma possível.

Agradeço ao meu namorado por ter me apoiado nos momentos mais conturbados que já passei até hoje e por, também, sempre me incentivar a estudar cada vez mais.

Enfim, agradeço a todos que de alguma forma contribuíram para que hoje eu esteja onde estou.

“Conhecer a língua portuguesa não é privilégio de gramáticos, senão de todo brasileiro que preza sua nacionalidade. É erro de consequências imprevisíveis acreditar que só os escritores profissionais têm a obrigação de saber escrever. Saber escrever a própria língua faz parte dos deveres cívicos”
(Napoleão Mendes de Almeida)

SUMÁRIO

Introdução	1
1. A produção textual	4
1.1. A importância do texto para a formação do aluno	5
1.2. O ensino de produção de texto	6
1.3. Orientações gerais para a produção textual	9
2. A revisão em sala	11
2.1. Como os PCNs tratam da revisão	12
2.2. Revisar para aprender	13
2.3. A Gramática Reflexiva na revisão do texto	15
2.4. A revisão e o método Foco na Forma	17
2.5. A importância da revisão para a qualidade do texto: algumas considerações	18
3. Sugestões para aplicação em sala de aula	20
3.1. Correções	21
3.2. Propostas de exercícios	26
Considerações Finais	28

INTRODUÇÃO

Este trabalho trata da revisão textual como atividade pedagógica auxiliar no processo de ensino e aprendizagem no contexto escolar. O objetivo da pesquisa é demonstrar que a revisão textual não deve ser tratada em sala de aula como mera correção do professor, mas como um processo de ensino-aprendizagem que envolve várias etapas, nas quais o aluno deve adquirir a compreensão de que a produção textual não termina no momento em que ele escreve o texto pela primeira vez.

Hoje, o que se nota é que os alunos têm pressa para terminar de escrever o texto pedido pelo professor. Para eles, o importante é receber a nota e, por isso, não buscam reler o texto e observar em que podem melhorá-lo. Isso também se dá pelo fato de que os alunos acham que ninguém mais, além do professor, lerá seu texto.

Por outro lado, os professores utilizam a produção textual como forma de avaliação e apenas corrigem erros gramaticais, sem fazer um trabalho conjunto para que o aluno note o que pode ser aperfeiçoado, sedimentando a ideia de que o texto escrito em sala não terá “nenhuma utilidade”.

Por esses e outros motivos, que serão expostos no trabalho, a maior dificuldade do aluno hoje é expor, por meio de um texto, suas ideias de forma clara e correta.

No primeiro capítulo, será discutida a importância do texto para a formação do aluno, tendo em vista que este é elemento essencial para o desenvolvimento da competência comunicativa, pois é por meio do texto que podemos nos comunicar em todos os âmbitos da sociedade. Dessa forma, ao aprender a escrever textos, o aluno passa a dominar determinada língua e se insere de forma completa em sua cultura.

Outro tema tratado nesse capítulo é a forma como o texto é trabalhado em sala de aula, pois, como mencionado, os professores ainda dão grande ênfase na análise de aspectos estruturais, considerando a língua como sistema de regras, sem levar em conta o contexto em que foi produzido o texto. Muitas vezes isso ocorre devido a um conservadorismo presente no ensino, o qual leva muitos a acreditarem que o professor deve corrigir tudo o que o aluno escreve e lhe atribuir uma nota.

Além das questões expostas, o primeiro capítulo também irá tratar de orientações gerais para a produção textual, considerando que um texto definido como bom é aquele que todos os leitores conseguem compreender, sem que estes encontrem dificuldades para interpretá-lo.

O capítulo seguinte trata da revisão, explicitando que revisar um texto é pensar sobre o que foi dito, refletir sobre o uso da linguagem e encontrar meios para dizer o que se pretende da melhor forma. Nessa seção também é destacada a necessidade de aquele que escreve se deslocar entre os papéis de escritor e leitor, de modo a ponderar sobre seu texto, verificando se atende as suas intenções, bem como se está adequado à situação comunicativa em questão.

Para inserir o assunto em um contexto escolar, serão elucidadas algumas teorias e métodos de ensino, como o Foco na Forma e a Gramática Reflexiva, os quais consistem, em apertada síntese, respectivamente em: o primeiro um método no qual a atenção dos alunos é direcionada para elementos linguísticos com foco no funcionamento da língua. E o segundo, a Gramática Reflexiva, traz para a sala de aula a reflexão sobre aspectos linguísticos que o aluno já domina, mas também sobre aqueles que ele não domina por meio da observação de elementos da estrutura do funcionamento da língua.

Será demonstrado como esses métodos podem ser utilizados aplicados na revisão, de modo que as disciplinas de Redação e Gramática sejam trabalhadas de maneira conjunta, para que o aluno possa assimilar o conteúdo aplicado ao texto, visando facilitar o processo de aprendizagem.

Assuntos como a aplicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais na revisão também serão tratados no segundo capítulo, pois, os próprios Parâmetros, que devem nortear o ensino de Língua Portuguesa, ilustram a importância da revisão de texto no ensino. O documento traz a análise de que, durante a produção textual, a reflexão deve ser constante, de modo que o texto seja aprimorado até o momento em que se torna compreensível para qualquer leitor.

Além disso, os Parâmetros deixam claro que o professor tem fundamental importância nesse processo, devendo demonstrar de maneira didática como o aluno deve proceder à revisão.

Teorias de como as pessoas aprendem da mesma forma serão abordadas no capítulo, para que seja possível examinar como atividades de revisão podem ser trabalhadas.

Por fim, serão analisadas e revisadas 50 redações do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, para que se possa observar como os alunos se comunicam por meio de textos. Essas redações serão reescritas, com possíveis soluções para questões que não tenham ficado claras ao leitor. Os trechos reescritos serão marcados e a cada um será dada justificativa para a mudança, trabalho este que se sugere realizar em sala de aula, objetivando a melhor compreensão do aluno acerca das correções.

Além disso, são propostas duas atividades para demonstrar como a revisão deveria transcorrer no ambiente escolar de maneira que o aluno possa assimilar da melhor forma o conteúdo e desenvolver a capacidade crítica sobre os próprios textos.

Assim, este trabalho tem como objetivo servir de base para aplicação de atividades voltadas para a revisão em sala de aula, de modo que o professor possa refletir sobre o assunto e aplicá-lo conforme o desenvolvimento de cada aluno, visando enriquecer seu conhecimento linguístico e senso crítico.

1. A PRODUÇÃO TEXTUAL

Em primeiro lugar, é importante destacar o conceito de **texto** e sua importância para o aprendizado. Para Travaglia (2009, p.67), o objetivo primordial do ensino de língua materna é o desenvolvimento da competência comunicativa. Esse objetivo somente se realiza plenamente quando o aluno adquire a capacidade de produzir e interpretar textos nas mais diferentes situações. Para o autor, o conceito de texto é o seguinte:

[...] uma unidade linguística concreta (perceptível pela visão ou audição), que é tomada pelos usuários da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor), em uma situação de interação comunicativa específica, como uma unidade de sentido e como uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independentemente da sua extensão.¹

Ou seja, se o texto faz parte do processo de interação comunicativa entre as pessoas, a produção textual no ensino de Língua Portuguesa é essencial para o aprendizado do aluno, e é por meio dela que são aplicados os conhecimentos adquiridos em todos os eixos da disciplina (produção escrita e oral, leitura e análise linguística). Além disso, na escola, esse ensino deve ser visto como uma maneira de formar não somente produtores de textos, mas pessoas capazes de interagir por meio da escrita.

Porém, apesar de as escolas terem em seus currículos matéria que visa essencialmente ao ensino da produção textual, o que se nota hoje é a dificuldade que os alunos têm em expor seus pensamentos por meio de textos. Esse é um problema existente em todos os níveis de ensino, seja no ensino fundamental, seja nas universidades. Sob essa percepção, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs da Língua Portuguesa (1997, p. 19) trazem uma importante reflexão:

[...] a dificuldade dos alunos universitários em compreender os textos propostos para leitura e organizar idéias por escrito de forma legível levou universidades a trocar os testes de múltipla escolha dos exames vestibulares por questões dissertativas e a não só aumentar o peso da prova de redação na nota final como também a dar-lhe um tratamento praticamente eliminatório. Essas evidências de fracasso escolar apontam a necessidade da reestruturação do ensino de Língua Portuguesa, com o objetivo de encontrar formas de garantir, de fato, a aprendizagem da leitura e da escrita.²

¹ TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

² BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1997.

1.1. A importância do texto para a formação do aluno

Dando continuidade à questão da importância da produção textual nas escolas, nesta seção será evidenciada a grande dimensão que o texto tem para formação intelectual e social do aluno. Sob esse aspecto, Bronckart (1999, p. 137) leciona que:

[...] a noção de texto designa toda unidade de produção da linguagem que veicula uma mensagem linguisticamente organizada e que tende a produzir um efeito de coerência sobre o destinatário. Conseqüentemente, essa unidade de produção da linguagem pode ser considerada como a unidade comunicativa de nível superior.³

Em outras palavras, o texto é ferramenta essencial, que utilizamos para nos comunicar em todos os âmbitos da sociedade. É mediante o texto que expressamos opiniões, sentimentos e aprendizados, também é por meio dele que entendemos a sociedade e suas regras. Nesse sentido, os PCNs (1997, p. 21) afirmam que:

O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes lingüísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos.⁴

Destarte, o texto, seja oral ou escrito, é construído no processo das relações humanas, isto é, quando um sujeito interage com outro. Logo, não é apenas um conjunto de palavras organizadas. Não se trata apenas de uso lingüístico: é, segundo Marcuschi (2008, p. 90), uma operação discursiva de produção de sentidos dentro de uma determinada cultura, com determinados gêneros. Para o autor, “operar com textos é uma forma de se inserir em uma cultura e dominar uma língua”.⁵

No mesmo sentido, Azeredo (2007, p. 18) afirma que: “[...] os textos são objetos lingüísticos investidos de função social [...]. Não são meros instrumentos, mas partes

³ BRONCKART, Jean Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. Trad. Anna Rachel Machado, Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 2003.

⁴ BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

⁵ MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

essenciais dos acontecimentos que dinamizam as relações sociais e fazem a história das sociedades, a própria face do relacionamento humano”.⁶

Todavia, o texto não é tratado dessa maneira nas escolas, pois, conforme Oliveira (1998, p. 84), “o ensino da produção textual nas escolas, ao prender-se quase que essencialmente à problemática da estrutura da língua, deixa de perceber a relevância do sentido que está sendo construído no contexto”.⁷

Diante da importância da expressão escrita na formação de alunos da educação básica, é possível afirmar que o domínio da expressão escrita na produção textual é elemento primordial para a formação do cidadão.

Portanto, a produção textual não pode deixar de lado seu contexto social e sua diversidade. Por esse mesmo motivo, no processo de produção de textos nas escolas, o professor, diante das dificuldades apresentadas pelos alunos e das muitas formas de solucioná-las, deve priorizar a revisão de textos, pois, por meio desta, o aluno pode desenvolver o senso crítico no processo de aprendizagem.

1.2. O ensino de produção de texto

A produção textual sempre foi ensinada de maneira teórica, apenas com a exposição de regras gramaticais. Nesta seção, são expostos pontos relevantes que podem ser notados em situações de ensino.

Sob esse aspecto, Marcuschi (2009, p. 51)⁸ assevera que, até a década de 50, predominava o entendimento de língua como sistema de regras (impulsionado pelos estudos estruturalistas), cuja ênfase recaía nas análises morfológica, fonológica e sintática da língua. Assim, a reflexão incidia sobre a teoria tradicional da gramática; a escola apenas tinha o dever de ensinar as regras gramaticais e a escrita era consequência de tal ensino.

Hoje, apesar dos esforços para a mudança desse cenário, o ensino voltado para o texto ainda é muito focado na teoria: os professores apresentam modelos de gêneros textuais, elementos coesivos e de coerência e, em seguida, aplicam provas para testar o conhecimento dos alunos.

⁶ AZEREDO, José Carlos de. **Ensino de português: fundamentos, percursos, objetos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

⁷ OLIVEIRA, Maria Bernadete Fernandes de. **Ensino e escrita: questões teóricas e metodológicas**. In: PASSEGGI, Luis (Org.). *Abordagens em Linguística Aplicada*. Natal: Edufrn, 1998..

⁸ MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

As avaliações escolares, normalmente, são corrigidas e devolvidas aos alunos sem que muitas vezes eles entendam a correção que foi realizada. O que se observa é a falta de interação entre aluno e professor na correção, fator que, caso existisse, poderia influenciar positivamente na aprendizagem, pois, segundo Bloom (1983), “a avaliação é um método de coleta de processamento dos dados necessários à melhoria do ensino”.⁹

No mesmo sentido, Serafini (1998, p. 107) destaca que corrigir um texto é uma atividade complexa, pois: “o professor deve basear-se na lógica e na estrutura interna da redação e assumir uma postura diferente para cada gênero textual. Ele deve ainda fazer observações específicas que favoreçam o aprimoramento de cada estudante”.¹⁰

Ora, se a avaliação é necessária para a melhoria do ensino, por que não utilizar métodos que a tornem mais bem entendida pelos alunos? Por que não fazer com que eles percebam em que e por que erraram? Ainda hoje, o que vem sendo aplicado nas escolas não é uma “avaliação” de verdade, conforme o conceito exposto, mas uma mera verificação de aprendizagem a qual classifica o aluno de acordo com determinado nível de aprendizagem.

Alguns professores tentam modificar esse cenário, mas a ausência de orientações teóricas que permitam identificar os conhecimentos envolvidos no processo de escrita dificulta o trabalho.

Além disso, há um conservadorismo na prática do ensino, baseado no pressuposto de que o professor deve corrigir integralmente o texto que o aluno escreve. A consequência é que, mesmo com ideias e conhecimentos novos, o professor permanece aprisionado pela rotina consagrada: em uma aula, os alunos escrevem; em outra, o professor devolve os textos corrigidos. Assim, reafirma-se o que foi dito anteriormente: o único propósito do professor é apontar erros gramaticais e atribuir notas.

Outra questão importante é a relevância da produção textual na percepção do aluno, o qual muitas vezes pode achar que seu texto somente possui um leitor, o professor, e um objetivo, sua avaliação. O aluno muitas vezes está certo, pois a maioria dos professores apenas marca em vermelho o que não está correto (do ponto de vista da gramática normativa) e desconsidera o sentido e o contexto daquela produção, apesar de os PCNs evidenciarem a importância da produção em situações significativas de comunicação.

Além disso, os PCNs também determinam que o aluno deve ser capaz de: “posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas”. Como um professor

⁹Bloom, B.; Hastings, J. T.; Madus, G.F., 1983 *apud* Abramowicz, 1996, p. 24.

¹⁰SERAFINI, Maria Teresa. **Como escrever textos**. 9. ed. São Paulo: Globo, 1998.

que não discute o tema com o aluno e apenas corrige aspectos formais de um texto vai formar cidadãos capazes de se posicionar de maneira crítica?

Não se pretende, aqui, criticar o ensino “teórico” do texto no que se refere a gêneros e aspectos gramaticais (gramática normativa), mas compreender que: espera-se que o aluno possa aprender tais aspectos aplicados na prática, pois, de acordo com Travaglia (2007, p. 107) “ao ensinarmos gramática queremos que o aluno domine a língua para ter uma competência comunicativa nessa língua”¹¹.

No mesmo sentido, Geraldi (2003, p. 137)¹² considera a produção de textos como ponto de partida e de chegada de todo o processo de ensino/aprendizagem da língua. O ensino, porém, não depende só da assimilação de um código e de regras gramaticais, mas, principalmente, de uma variedade de regras sociais que envolvem o uso da linguagem. Ou seja, não basta que o aluno seja capaz de dominar os padrões formais da língua, do código, embora isso seja necessário; ele precisa também reconhecer a função do texto na sociedade e em que gênero está inserido, para poder produzir em qualquer situação do seu cotidiano, seja na escola ou fora dela.

Seguindo esse raciocínio, os PCNs (1997, p. 28) destacam a necessidade de serem desenvolvidas na escola atividades de escrita que possibilitem ao aluno aplicá-las também em outros contextos:

Ensinar a escrever textos torna-se uma tarefa muito difícil fora do convívio com textos verdadeiros, com leitores e escritores verdadeiros e com situações de comunicação que os tornem necessários. Fora da escola escrevem-se textos dirigidos a interlocutores de fato.¹³

A importância dada pelos PCNs para a escrita aplicada fora de sala de aula pode ser explicada a partir de Bakhtin (2000, p. 279), que afirmou que “cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados”.¹⁴ Dessa maneira, cada grupo social cria formas de textos, que vão se consolidando e servindo como meio de comunicação para determinada situação. Por isso o estudo de gêneros textuais está tão presente nas escolas. E, para que esse estudo seja efetivo, deve ser pautado na maneira como é passado para os alunos, ou seja, devem ser propiciadas ao aluno situações de escrita semelhantes às daquelas das

¹¹ TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

¹² GERALDI, J.W. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

¹³ BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

¹⁴ BAKHTIN, Michael. **Estética da Criação Verbal**. 3. ed. trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

quais ele participa fora da escola, possibilitando a ambientação necessária para que ele possa elaborar diferentes gêneros textuais e para que diferentes interlocutores possam compreender.

Assim, é certo que os alunos, para se tornarem produtores de texto, não devem apenas ter contato com materiais escritos elaborados unicamente com a finalidade de cumprir as determinações da escola, mas também com a leitura de diferentes textos que servem para diversas situações fora da sala de aula.

Nesse e em outros aspectos aqui tratados, os PCNs, de modo inovador, reorganizaram o objeto de ensino e a metodologia a ser desenvolvida na aula de Língua Portuguesa. Porém, embora essas orientações já tenham sido publicadas há quase duas décadas, ainda não fazem parte da realidade escolar.

O que se espera do ensino da produção de texto é que o aluno possa se comunicar, desenvolver um pensamento crítico acerca das situações em que vive, e que o receptor da sua mensagem possa compreender de maneira clara as ideias expostas.

1.3. Orientações gerais para a produção textual

A pergunta que muitas vezes surge nas salas de aula é: “como escrever um bom texto?”. Na tentativa de responder essa pergunta, Maria Teresa Serafini, em seu livro *Como escrever textos*¹⁵, descreve passo a passo como seria uma boa escrita. Para isso, a autora propõe quatro regras e cada uma delas é tratada em um respectivo capítulo. São elas: ter um plano; ordenar as ideias; organizar o texto; e corrigir.

- a) primeira regra: trata do planejamento para se escrever um texto, engloba a distribuição do tempo e as características que o texto deve ter, de acordo com seu gênero e tipo;
- b) segunda regra: dispõe sobre como deve ocorrer a seleção de ideias e como organizá-las. São apresentadas formas de fazer grupos associativos para a escolha;
- c) terceira regra: cuida da produção propriamente dita e da organização do texto. Demonstra como se deve organizar e construir os parágrafos, como devem ser usados os conectivos e como devem ser compostas as introduções e conclusões dos textos;
- d) quarta regra: é a mais importante para este trabalho, pois trata da revisão. A autora ressalta que é uma fase normalmente descuidada na escola, mas que tem

¹⁵ SERAFINI, Maria Teresa. **Como escrever textos**. 9. ed. São Paulo: Globo, 1998.

fundamental importância para a construção do texto. Nessa regra, Serafini aborda o aspecto colaborativo que a revisão deve ter, visto que as correções devem ser feitas pelo professor, pelo próprio aluno e pelos seus colegas. Além disso, são elencados alguns critérios para revisar o conteúdo e a forma do texto.

É evidente que um texto bem escrito não é feito com “uma receita”, porém, ao seguir alguns desses passos, pode-se chegar muito mais próximo de um “bom texto”.

Além disso, o primordial para que um texto seja considerado bom é que ele seja claro para todos os leitores, de modo que não tenha trechos ambíguos e que o leitor não precise ler mais de uma vez para entender o que está escrito. Seguindo esses aspectos propostos pela autora, a seguir serão tratados alguns pontos importantes sobre a revisão em sala.

2. A REVISÃO EM SALA

Para muitos, revisar um texto é apenas “corrigir”, procurar erros, marcar em vermelho, mostrar ao autor as falhas cometidas no texto escrito. Em sala de aula, esse conceito se consolida ainda mais: o professor corrige e em seguida devolve ao aluno com determinada nota.

Porém, segundo Brandão (2007, p. 120):

Revisar um texto é torná-lo objeto de nossa reflexão, é pensar sobre o que foi ou está sendo escrito e encontrar meios para melhor dizer o que se quer dizer, reelaborando e reescrevendo o já escrito. Nesse sentido, é preciso que aquele que escreve se desloque entre os papéis de escritor e possíveis leitores/interlocutores de seu texto, refletindo se seu escrito atende as suas intenções, bem como se está adequado à situação comunicativa em que ele se insere.

Dessa maneira, a revisão é um trabalho de parceria entre professor e aluno, baseado no pressuposto de que o texto não é finalizado na primeira versão. Por isso, o simples ato de corrigir não é eficaz na produção textual, pois não há reflexão, não se pensa sobre o que foi escrito e não leva o aluno a pensar e a encontrar meios para reescrever de maneira melhor. Para que o texto se torne “melhor” o aluno precisa se colocar tanto no papel de escritor como no papel de leitor e então poderá perceber quais elementos prejudicam o entendimento e a forma do texto.

Nesse sentido, Brandão (2007, p. 120) afirma, ainda, que a produção do texto escrito se dá em várias etapas: planejamento, preparação, escrita, avaliação, replanejamento, reelaboração e edição final.¹⁶

Contudo, a revisão ainda não acontece dessa maneira no ambiente escolar, conforme destaca Oliveira (2010, p. 17):

Em uma perspectiva tradicional, a revisão é vista como uma etapa subsequente à produção escrita, principalmente de alunos, com o objetivo principal de corrigir o texto e detectar transgressões nas convenções da norma culta. Tal concepção é pautada no senso comum de que revisar resume-se a corrigir ortografia, pontuação, concordância verbal e nominal, de acordo com as normas apontadas em gramáticas, dicionários e manuais, sendo a revisão tratada como uma das etapas de reescritura em que se focalizam os aspectos estruturais do texto.¹⁷

¹⁶ BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi. A revisão textual na sala de aula: reflexões e possibilidade de ensino. In: _____; LEAL, T. F. (Org.) **Produção de textos na escola: reflexões e práticas no ensino fundamental**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

¹⁷ OLIVEIRA, Risoleide Rosa Freire de. Revisão de textos: da prática à teoria. Natal: Edufrn, 2010.

Nessa lógica, a revisão/reescrita deveria ser atividade permanente nas salas de aula, pois é por meio dela que o aluno pode, segundo Pilati (2014, p. 11) “reconhecer padrões, colocar seu senso crítico em prática, e aprender a identificar desvios de norma”¹⁸. Além disso, deveria ser apagado o conceito de que a revisão é uma tarefa na qual o professor apenas corrige os “erros”, pois é uma atividade que pode vir a motivar o aluno a assumir a responsabilidade de verificar os problemas do ponto de vista discursivo.

2.1. Como os PCNs tratam da revisão

Como dito anteriormente, os PCNs da Língua Portuguesa trazem importantes reflexões sobre a produção de textos nas escolas, bem como sobre as atividades de revisão. Essa preocupação se deu pela enorme dificuldade que as instituições de ensino vêm tendo para que os alunos escrevam de maneira clara e objetiva seus textos.

Dessa forma, os PCNs (1997, p. 54) definem a revisão como:

[...] espaço privilegiado de articulação das práticas de leitura, produção escrita e reflexões sobre a língua [...], [é] o conjunto de procedimentos por meio dos quais um texto é trabalhado até o ponto em que se decide que está suficientemente bem escrito.¹⁹

Ou seja, segundo os Parâmetros, durante a produção escrita deve haver reflexão para que o texto seja aprimorado até o momento em que se torna compreensível para qualquer leitor. De fato, os PCNs estão corretos, porém, essas e muitas outras determinações elencadas não são postas em prática.

Para que a prática de revisão seja efetiva, segundo os PCNs, tanto o professor quanto o aluno devem aprender a detectar no texto se o que está dito é o que realmente se pretendia dizer. Isto é, para os parâmetros curriculares, o objetivo dessa prática não é apenas corrigir a forma, mas também o conteúdo, a fim de organizar as ideias, tornar o texto mais legível e até mesmo mais bonito e agradável para o leitor.

Por fim, outra questão que o texto traz são os objetivos pretendidos em relação à revisão do aluno:

¹⁸ PILATI, Eloisa. **Laboratório de Ensino de Gramática**: questões desafios e perspectivas. In: Josênia Vieira; Francisca Cordelia. (Org.). O que a distancia revela: reflexões de professores e estudantes do Curso de Letras EAD/UnB. Brasília: Gráfica e editora Movimento, 2014.

¹⁹ BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1997.

- **Revisar os próprios textos com o objetivo de aprimorá-los**

Espera-se que o aluno, tanto enquanto produz textos quanto após terminar a sua escrita, volte a eles, procurando aprimorá-los e dar-lhes uma melhor qualidade.

- **Escrever textos considerando o leitor**

Espera-se que o aluno desenvolva procedimentos que levem em conta as restrições que se colocam para o escritor pelo fato de o leitor de seu texto não estar presente fisicamente no momento de sua produção, quer seja esse leitor determinado (uma pessoa em específico) ou não.²⁰

Logo, o objetivo dos PCNs é que a revisão seja uma prática comum em todas as salas de aula, para que os alunos busquem a correção da escrita, desenvolvam a atitude crítica em relação à própria produção e aprendam procedimentos eficientes para imprimir qualidade aos textos.

2.2. Revisar para aprender

A obra *Como as Pessoas Aprendem* (2007, p. 22), organizada pelo Conselho Nacional de Pesquisa dos Estados Unidos, afirma que:

A pesquisa da aprendizagem indica que há novas maneiras de apresentar as matérias tradicionais para os estudantes [...] e que essas novas abordagens tornam possível o desenvolvimento de uma compreensão mais profunda do assunto relevante para a maioria das pessoas.²¹

Ou seja, novos métodos, que fogem do padrão ainda utilizado, podem ser mais eficazes para a compreensão do aluno. Nesse sentido, a revisão como método de aprendizagem é muito mais eficaz para o desenvolvimento do texto do aluno do que a simples correção.

O referido livro ainda afirma que para o “desenvolvimento da competência numa área de investigação, os estudantes devem a) possuir uma base sólida de conhecimento factual, b) entender os fatos e as ideias no contexto do arcabouço conceitual, e c) organizar o conhecimento a fim de facilitar a recuperação e a aplicação”.²²

Tendo como base esse ponto de vista, a revisão se encaixa perfeitamente nos três aspectos, pois, para que o aluno desenvolva a tarefa com precisão, ele precisará “possuir uma base sólida de conhecimento factual”, ou seja, para que ele seja capaz de revisar um texto, precisa de conhecimento da área tanto do ponto de vista formal como do contexto do assunto

²⁰BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

²¹ Conselho Nacional de Pesquisa dos Estados Unidos. **Como as pessoas aprendem**. Trad. Carlos David Szlak. São Paulo: Editora Senac, 2007.

²²*Ibidem*.

tratado; deverá entender como os conceitos e conteúdos aprendidos se aplicam ao texto e aplicá-los na correção.

Outra questão interessante que pode ser destacada do livro é a concepção de novo conhecimento:

[...] o novo conhecimento deve ser elaborado a partir do conhecimento existente [...] os professores precisam prestar atenção aos entendimentos incompletos, às crenças falsas e às interpretações ingênuas dos conceitos que os aprendizes trazem consigo sobre determinado assunto. [...] Se as idéias e as crenças iniciais dos alunos são ignoradas, a compreensão que eles desenvolvem pode ser muito diferente da que era pretendida pelo professor.²³

Isso posto, o professor não deve ignorar o conhecimento prévio do aluno. Pelo contrário, deve dar total atenção a esse aspecto, pois é por meio do conhecimento preexistente que o aluno desenvolverá algo novo – fato que a antiquada correção despreza, pois não se atenta para as competências que o aluno possui.

A ciência da aprendizagem, que é tratada em *Como as Pessoas Aprendem*, também destaca a importância de se assumir o controle na sua própria aprendizagem e da metacognição nesse desenvolvimento, fatores que também estão presentes na revisão, veja-se:

[...] as pessoas devem aprender a identificar quando entendem e quando precisam de mais informações. Que estratégias podem utilizar para avaliar se entendem o que outra pessoa quis dizer? [...] O ensino de práticas compatíveis com a abordagem metacognitiva da aprendizagem inclui práticas que focalizam a criação de sentido, a auto-avaliação e a reflexão sobre o que funciona e o que precisa ser melhorado.²⁴

É nítida a similitude com a revisão, pois, por intermédio desta, o aluno exerce a metacognição, ajudando-o, assim, a assumir o controle de sua aprendizagem, podendo ele mesmo verificar o seu progresso. Por meio da metacognição desenvolve-se uma conversa interior que faz com que o estudante não dependa mais tanto do professor para realizar determinada tarefa.

Na obra em questão é citada pesquisa que constata que crianças podem aprender essa estratégia “sendo capazes de prever resultados, de dar explicações a si mesmas a fim de melhorar sua compreensão, de perceber lacunas a preencher, de ativar o conhecimento de fundo, de planejar à frente e de ratear tempo e memória”. Portanto, até crianças são capazes de identificar falhas em seus próprios textos, na medida de seu desenvolvimento.

²³ *Ibidem*.

²⁴ Conselho Nacional de Pesquisa dos Estados Unidos. **Como as pessoas aprendem**. Trad. Carlos David Szlak. São Paulo: Editora Senac, 2007.

O livro também explicita que não se pretende descartar métodos tradicionais, como as aulas expositivas, pois todos os métodos são importantes, cada um para determinada situação:

Perguntar qual técnica de ensino é melhor é o mesmo que perguntar qual ferramenta é melhor: um martelo, uma chave de fenda, uma faca ou um alicate? Ao se ensinar carpintaria, a escolha das ferramentas depende da tarefa à mão e dos materiais envolvidos. Os livros e aulas expositivas podem ser modos maravilhosamente eficientes para transmitir novas informações para a aprendizagem, para estimular a imaginação e para aguçar as faculdades críticas dos estudantes; [...] [Já] as experiências práticas podem ser uma maneira eficiente de fundamentar o conhecimento emergente, mas sozinhas não evocam a compreensão conceitual subjacente que ajuda a generalização.²⁵

Assim, não somente a revisão é necessária para o aprendizado, mas, como estabelece Azevedo (2003, p. 229)²⁶, é por meio da escrita que se ensina, aprende-se e se avalia quase todo o saber, possuindo, pois, um caráter transversal. E, segundo Niza, Segura e Mota (2011, p. 15), a escrita é “a mais poderosa atividade e o mais proficiente instrumento de aprendizagem”²⁷, porque permite aos alunos pensar sobre o que aprenderam, clarear o pensamento e estimular ideias, análises críticas e reflexões sobre os mais variados temas.

Ademais, a produção escrita é um importante instrumento discursivo para organizar o conhecimento de forma mais coerente e estruturada.

Em síntese, a escrita e a reescrita têm fundamental importância na aprendizagem, seja apenas em relação à língua ou no aprendizado como um todo. E a escola, por sua vez, é o local onde os estudantes devem aprender a usá-las visando à consolidação de seu aprendizado.

2.3. A Gramática Reflexiva na revisão do texto

Alguns autores de livros didáticos vêm tentando extensivamente implantar o uso da chamada Gramática Reflexiva em seus livros, porém ainda têm encontrado muitas dificuldades para isso, pois a aplicação desta em exercícios ainda é falha, uma vez que muitos destes não levam o aluno à reflexão sobre o uso da língua e utilizam frases soltas e descontextualizadas para que os alunos analisem.

²⁵*Ibidem*. Grifos nossos.

²⁶ Azevedo, F. **Ensinar e aprender a escrever através e para além do erro**. Porto: Porto Editora, 2003.

²⁷ Niza, I., Segura, J., & Mota, I. **Escrita - Guião de Implementação do Programa de Português do Ensino Básico**. Lisboa: Ministério da Educação, 2011, p.15.

Segundo Soares (1979), a Gramática Reflexiva é:

[...] uma gramática em explicitação, que surge da reflexão com base no conhecimento intuitivo dos mecanismos da língua e será usada para o domínio consciente de uma língua que o aluno já domina inconscientemente.²⁸

Dessa forma, o objetivo de se ensinar gramática não é fazer com que seja adquirida “uma nova linguagem” e esquecer a que já é usada, mas ampliar sua capacidade de uso, desenvolvendo a competência comunicativa por meio de atividades com textos dos mais variados gêneros.

Já Travaglia (2009, p. 142) discorda em parte ao afirmar que:

[...] não concordamos que a gramática reflexiva seja só um trabalho de reflexão sobre o que o aluno já domina, mas também um trabalho sobre os recursos linguísticos que ele ainda não domina, para levá-lo à aquisição de novas habilidades linguísticas, realizando assim um ensino produtivo e não apenas uma descrição.²⁹

Segundo o autor, existem duas maneiras de se trabalhar com a Gramática Reflexiva. A primeira pode ser usada de forma que o aluno redescubra fatos já estabelecidos por linguistas; trata-se de uma reflexão direcionada para explicitação voltada para o conhecimento da língua e sua estrutura, mas não aparece com o objetivo de desenvolver a competência comunicativa, é apenas recurso auxiliar.

Já a segunda maneira de se trabalhar a gramática reflexiva é composta por “atividades que focalizam essencialmente os efeitos de sentido que os elementos linguísticos podem produzir na interlocução”, ou seja, “é uma atividade de ensino de gramática que se preocupa mais com a forma de atuar usando a língua do que com uma classificação dos elementos linguísticos e o ensino da nomenclatura que consubstancia essa classificação”.³⁰

Assim, atividades que utilizam a Gramática Reflexiva podem levar o aluno a perceber elementos da estrutura e do funcionamento da língua por meio de observação. A partir disso, ele exercita sua capacidade de inferência, formando suas próprias regras. Tal método contribui para a reflexão dos alunos no que se refere à leitura e à produção textual, desenvolvendo a competência de analisar a língua, melhorando, assim, a aprendizagem, pois, para Marquardt e Graeff (1986):

²⁸ SOARES, Magda Becker. **Ensinando comunicação em língua portuguesa no 1º grau** – Sugestões metodológicas 5ª a 8ª séries. Rio de Janeiro: MEC/ Departamento de Ensino Fundamental, 1979 *apud* TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

²⁹ TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

³⁰ *Ibidem*.

A vantagem de fazer o aluno descobrir aspectos significativos do conteúdo, em vez de o professor dizê-los, é que, além de o aluno adquirir uma habilidade que crescerá dentro e fora do âmbito escolar, a aprendizagem se tornará mais resistente ao esquecimento. Ensinar a pensar seria, em última análise, possibilitar ao aluno condições de solucionar problemas de sua vida particular, social, por meio do levantamento de soluções alternativas, da testagem de cada uma delas e da decisão pela mais conveniente.³¹

Dessa forma, ao se unir os dois métodos de utilização da Gramática Reflexiva propostos por Travaglia, pode-se trabalhar a escrita e a reescrita em sala de maneira simples, com o objetivo de que, conforme dito, o aluno possa “descobrir aspectos significativos do conteúdo, em vez de o professor dizê-los”, uma vez que o ensino da escrita não se deve reger apenas por exercícios pontuais de melhoramento dos textos, mas também por uma prática de reflexão crítica sobre a linguagem escrita que os próprios alunos produzem.

2.4. A revisão e o método Foco na Forma

O método Foco na Forma – FonF normalmente é utilizado para o ensino de segunda língua, porém alguns estudos já o utilizam como método para o ensino da língua materna.

Freudenberg (2006, p. 462) o caracteriza da seguinte maneira:

[...] se é exigido que o aprendiz concentre-se principalmente na estrutura da língua, tem-se **foco nas formas**; se, por outro lado, a atenção deve estar voltada exclusivamente à mensagem que deseja comunicar, tem-se **foco no sentido**. Quando o aprendiz deve procurar o processamento tanto das formas quanto do sentido, tem-se **foco na forma**.³²

Já Long e Robinson (2003)³³ caracterizam o Foco na Forma como uma maneira de se estudar a gramática sem levar em conta somente as regras e estruturas. Os referidos autores definem o método como um mecanismo que auxilia o aluno no desenvolvimento de sua competência comunicativa.

Nesse método a atenção dos alunos é direcionada para elementos linguísticos que aparecem ao longo da aula cujo foco inicial é o significado. Assim, o estudo de elementos linguísticos ocorre de modo a facilitar a comunicação.

³¹ MARQUARDT, Lia Lurdes; GRAEFF, Telisa Furlanetto. Ensino de gramática e desenvolvimento de raciocínio. **Letras de Hoje**. Porto Alegre: PUCRS, v.21, n. 3, p.7-35, dez. 1986.

³² FREUDENBERGER, F. **O uso dos turnos de “feedback” corretivo nas interações como foco na forma**. 2006. p. 462 *apud* SILVA, Rilma Pereira da. **Foco na Forma e sua aplicação em uma aula de gramática**. Trabalho de conclusão de curso. Brasília: UnB, 2012.

³³ LONG, Michael H. ROBINSON, Peter. **Focus on Form: Theory, research and practice**. In: DOUGHTY, Catherine. WILLIAMS, Jessica (Orgs). **Focus on form in classroom second language acquisition**. Cambridge: CUP, 2003. *apud* CORDEIRO, Elisa Novaski. **Por que utilizar o foco na forma nas aulas de espanhol para falantes brasileiros?**. UFPR. Revista X, volume 1, 2012.

Segundo Lyrio (2011, p. 23) “o ensino com base no FonF possibilita uma gama de estratégias não só para se resgatar formas (estruturas linguísticas e unidades lexicais), mas também aspectos funcionais da linguagem”³⁴.

Dessa forma, o aluno deve ser exposto aos dados para ativar seu lado intuitivo e sua reflexão consciente sobre a linguagem, propiciando, assim, a oportunidade de discussão a respeito do funcionamento da língua, que é o objetivo central desse método.

Portanto, atividades de revisão de texto em sala de aula garantem ao aluno a reflexão sobre o funcionamento da língua, de forma que ele mesmo possa perceber como utilizá-la da melhor maneira.

2.5. A importância da revisão para a qualidade do texto: algumas considerações

A revisão em sala normalmente é desenvolvida pelo professor, mas somente acontece, conforme dito anteriormente, como correção. Contudo, o próprio aluno deve desenvolver a capacidade de revisar seus textos, para que possa exercer tal atividade sozinho, sem o auxílio do professor.

A importância desse procedimento está na ideia de aprimorar diversos aspectos tanto formais quanto em relação à estética do texto. E, para que a revisão seja de fato eficiente, não deve ser feita apenas no fim do trabalho. Durante toda a produção escrita, é importante reler o trecho já produzido e verificar se ele está conforme os objetivos e as ideias pensadas inicialmente. Logo, tal procedimento é essencial para se produzir um bom texto.

Nesse sentido, a pesquisadora argentina Mirta Castedo, em sua tese de doutorado *Procesos de Revisión de Textos en Situación Didáctica de Intercambio entre Pares*, ressalta que “os bons escritores não realizam as ações de planejar, escrever e revisar de maneira sucessiva, mas vão e voltam de uma a outra. Eles escrevem partes, releem e modificam, detectam expressões incompreensíveis e corrigem erros”³⁵.

Assim, pode-se afirmar que a reescrita é fundamental. Ao reescrever, há tempo para pensar nas estruturas sintáticas e modificá-las, se necessário. Há tempo, também, para perceber que outra palavra fica melhor do que a que foi usada; para analisar se o leitor não vai encontrar dificuldades para entender o que foi dito; e para observar se há palavras ou ideias repetidas, além de diversos outros fatores.

³⁴ LYRIO, A. L. L. **Ensino Comunicativo e Foco na Forma (FonF)**. In: I Jornada sobre Ensino de Línguas Estrangeiras. Vitória: EDUFES, 2011. V. 1. p. 1-26apudSILVA, Rilma Pereira da. **Foco na Forma e sua aplicação em uma aula de gramática**. Trabalho de conclusão de curso. Brasília: UnB, 2012.

³⁵ CASTEDO, MirtaLuisa. *Procesos de Revisión de Textos en Situación Didáctica de Intercambio entre Pares*. jun. 2003. Tese. Departamento de Invetigaciones Educativas del Centro de Investigación y Estudios Avanzados del Instituto Politécnico Nacional. 344 p. México: CINVESTAV, 2003.

Logo, sem sombra de dúvida, a revisão de texto possui a fundamental característica de facilitar a comunicação entre leitor e escritor, de modo que a mensagem seja transmitida com total clareza, uma vez que por meio da revisão o aluno poderá notar aspectos de ambiguidade, coesão e coerência no texto.

Por outro lado, se a revisão não for trabalhada corretamente, como uma atividade conjunta entre professor e aluno, seu objetivo não é alcançado. É preciso que o professor deixe clara cada correção feita e que o aluno compreenda o que deve ser ajustado no texto, pois, caso a revisão não ocorra dessa forma, o aluno poderá fazer alterações desnecessárias e não aplicará o conteúdo aprendido em seu texto.

Por esse motivo, a seguir serão propostas atividades que podem servir de exemplo de como trabalhar a produção textual com foco na revisão do texto em sala.

3. SUGESTÕES PARA APLICAÇÃO EM SALA DE AULA

Visando criar soluções para os problemas expostos no trabalho, foram analisadas e revisadas 50 redações do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, por meio das quais se constatou claramente que os alunos não leem uma vez sequer o que escreveram, conforme poderá ser observado a seguir.

Dentre os textos analisados, foram escolhidos alguns parágrafos³⁶, os quais foram reescritos com o intuito de demonstrar soluções possíveis para os problemas encontrados.

Além disso, foram propostas duas atividades para demonstrar como a revisão deveria transcorrer em sala de aula. A proposta baseia-se nas seguintes etapas:

- a) primeiramente o professor deve corrigir um texto (como os exemplos abaixo) para que o aluno perceba que todo texto pode ser melhorado e como deve ser o processo de reescrita, além do método utilizado pelo professor;
- b) em seguida, será trabalhada uma atividade para que o próprio aluno reescreva seu texto com base no que foi aprendido em determinada aula. Dessa forma, são aplicados os conceitos de Foco na Forma e Gramática Reflexiva, pois o aluno aplicará o conteúdo aprendido na respectiva aula a seu texto, ampliando sua capacidade de uso da língua e de inferência por meio da leitura.

Mediante essa atividade o aluno poderá perceber não só elementos relacionados à grafia e à acentuação das palavras, mas também elementos da estrutura e do funcionamento da língua.

Assim, espera-se que essas atividades façam com o que o aluno por si só descubra aspectos significativos do que foi aprendido, sem que o professor precise dizer, pois, conforme lecionam Marquardt e Graeff (1986), o aprendizado do aluno será mais duradouro dessa forma e, ainda segundo os autores, ao se estimular esse tipo de atividade, ensina-se ao aluno a pensar sozinho e a criar soluções para problemas, não somente em relação ao texto, mas também à vida.

³⁶ A escolha foi por parágrafos e não frases soltas, visto que é essencial que o trecho esteja contextualizado para uma análise correta.

3.1. Correções

Em um primeiro momento, é importante que o professor escreva uma solução de um texto que não seja de nenhum dos alunos, para que eles percebam que todo texto pode ser melhorado e não tenham medo de “errar”.

Em seguida, para facilitar o entendimento do aluno acerca da correção, será utilizado o conceito de “correção resolutive” proposto por Serafini (1998, p. 113), a partir do qual o professor deve “corrigir todos os erros, reescrevendo palavras, frases e períodos inteiros”, além de “separar tudo o que no texto é aceitável e interpretar as intenções do aluno sobre os trechos que exigem uma correção”.³⁷

Após, serão utilizadas a “correção classificatória” e a “correção indicativa”, que consistem em, respectivamente, classificar os erros, explicá-los (como morfológico, sintático ou semântico) e indicá-los no texto. A indicação dos erros no texto será feita por meio de cores distintas para cada classificação (em sala podem ser utilizados códigos apresentados previamente aos alunos). Aqui será feita da seguinte forma:

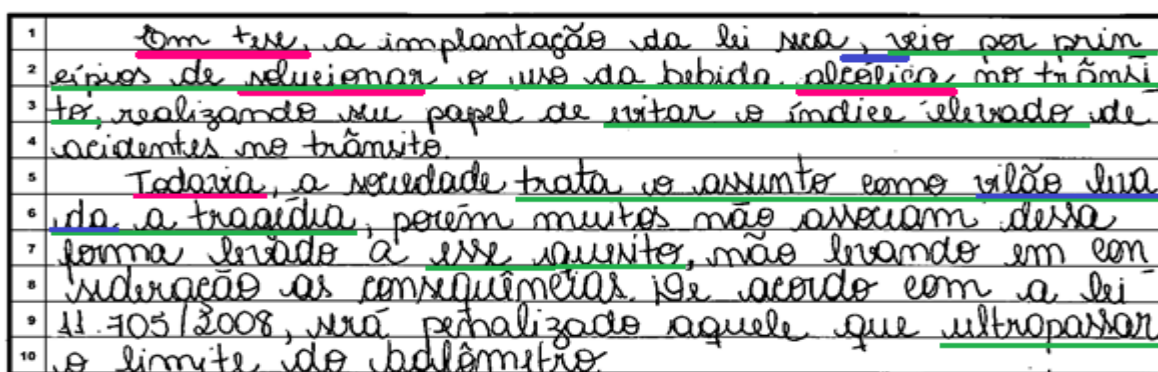
- a) a cor rosa indica erro quanto ao aspecto morfológico;
- b) azul para questões sintáticas; e
- c) verde para problemas de coerência, coesão e estruturais.

Optou-se por utilizar os três tipos de correção, pois nenhum deles isoladamente é eficaz para o aprendizado do aluno, porém, ao juntarmos esses métodos e acrescentarmos a reflexão do aluno, certamente haverá melhor aquisição de conhecimento.

Além disso, por meio dessa junção poderá ser trabalhada a “correção interativa”, na qual o aluno participa da correção de seus textos, estimulando seu interesse pela atividade e aplicando os conceitos expostos de Foco na Forma e Gramática Reflexiva.

- a) Redação 1

Original:



³⁷ SERAFINI, Maria Teresa. **Como escrever textos**. 9. ed. São Paulo: Globo, 1998.

Reescrita:

Em tese, a implantação da lei seca tem o objetivo de solucionar o problema do uso da bebida alcoólica por motoristas. Dessa forma, seu papel é ajudar a diminuir o índice elevado de acidentes no trânsito.

A sociedade trata o assunto (álcool e direção) como vilão, porque pode levar à tragédia. Porém, muitos não pensam dessa forma, pois não levam em consideração as consequências da associação entre álcool e direção. Nem mesmo temem as penalizações àqueles que excedem o limite de álcool permitido pela Lei nº 11.705/2008.

Comentários:

A vírgula marcada no texto foi retirada, pois, como determina a gramática normativa, não se deve usar vírgula separando o sujeito (a implantação da lei seca) do verbo (veio).

Na reescrita foi sugerida alteração no período, visto que este se encontrava incoerente. O verbo solucionar foi marcado, pois seu complemento não está de acordo com a acepção encontrada nos dicionários. Conforme o dicionário Houaiss, “solucionar” possui a seguinte acepção: “encontrar a solução para (problema, dificuldade etc.); resolver”, no entanto, o trecho não complementa o verbo da maneira pretendida.

No mesmo trecho foi grifada a palavra “alcólica”, pois está grafada de maneira equivocada – deveria ser escrita da seguinte maneira: “alcoólica”, visto que deriva de álcool.

A alteração seguinte (retirada de “realizando” e inserção de “dessa forma”) foi feita para evitar o uso desnecessário do gerúndio, e para “ligar” as orações com elementos coesivos, conjunções.

Já no parágrafo seguinte, a alteração foi feita apenas para deixar o texto menos ambíguo para o leitor, uma vez que este pode não entender de qual “assunto” o autor está falando, se é da “implantação da lei seca” ou se é da mistura “álcool e direção”. Porém, como o texto é ambíguo, não podemos afirmar se a alteração está de acordo com o sentido pretendido ou não, logo, o período pode ter duas interpretações. Assim, conforme a interpretação assumida na revisão, a palavra “todavia” não estava adequada, uma vez que o conteúdo do segundo parágrafo não é adverso ao conteúdo do primeiro.

Outro ponto marcado, apesar de ter sido modificado, é o trecho “vilão levada a tragédia”. Este trecho possui problemas quanto à concordância (“vilão” – masculino e “levada a tragédia” – feminino) e, além disso, faz com que o leitor tenha uma dupla interpretação do parágrafo, pois, mais uma vez, não se sabe se o que está em referência é a “implantação da lei seca” ou a mistura “álcool e direção”.

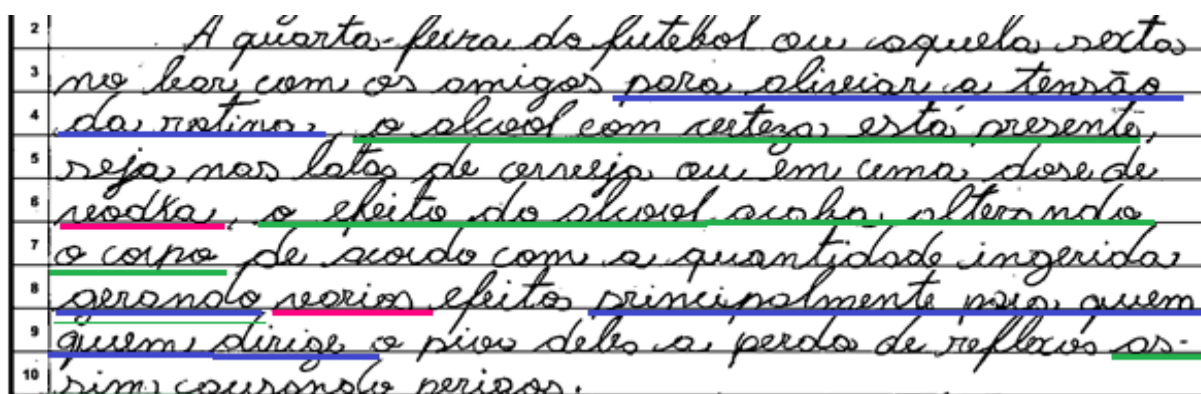
O termo “levada a tragédia” parece estar solto no texto, pois a falta de elementos coesivos faz com que o trecho não tenha sentido algum. O verbo levar possui acepção mais próxima da pretendida em: “ter em vista, visar a; conduzir”, então, inserido o conectivo “porque” e feitas as alterações necessárias de concordância (levar) e regência (à), o trecho torna-se mais claro.

O último período foi alterado, pois o verbo “associar”, apesar de muitos acharem que é um sinônimo de “pensar”, “aprender”, não é entendido dessa maneira, segundo o dicionário, mas como “ligar” ou “unir”, resumidamente. Em seguida, novamente foi retirado o gerúndio “não levando” e utilizado o conectivo “pois”, visto que o primeiro deve ser utilizado para ações que estão ocorrendo no mesmo momento.

A última alteração foi feita apenas para corrigir o sentido, porque não é “o limite do bafômetro” que não pode ser “ultrapassado”, mas o limite estabelecido na referida lei.

b) Redação 2

Original:



Reescrita:

A quarta-feira do futebol ou aquela sexta no bar com os amigos, para aliviar a tensão da rotina, sempre têm o álcool presente, seja nas latas de cerveja ou em uma dose de vodka. Contudo, o efeito do álcool altera os sentidos de quem o ingere dependendo da quantidade ingerida. Essa perda de sentidos pode gerar muitas consequências. A pior delas é a perda de reflexos, que traz muitos perigos.

Comentários:

O trecho “para aliviar a tensão da rotina” foi intercalado por vírgulas, pois se trata de um aposto explicativo. Já em “o álcool com certeza está presente” sofreu ajustes para que o texto fique coeso, já que apenas o artigo “o” faz com que pareçam frases isoladas sem ligação

uma com a outra. A palavra “vodka” foi substituída pelo termo em português. Apesar de muitos a conhecerem com a referida grafia, trata-se de estrangeirismo, que deve ser evitado.

A conjunção adversativa “Contudo” foi inserida para, mais uma vez, dar coesão ao texto, visto que a ideia seguinte contrasta com a anterior.

A troca de “o corpo” por “sentidos” foi feita por uma questão semântica, pois, de acordo com o contexto, o que é alterado devido ao uso do álcool são os sentidos e não o corpo.

Mais uma vez foi substituído “gerando” por “pode gerar” para evitar o uso do gerúndio, pois este deve ser usado apenas em referência a situações que ocorrem concomitantemente ou com a função de adjunto adverbial.

Apesar de a palavra “vários” não estar na sugestão de reescrita, é importante frisar que no texto faltou a acentuação.

Já o trecho “principalmente para quem dirige” foi posto entre vírgulas por se tratar de elemento explicativo, acessório. Houve, também, a troca da conjunção conclusiva “assim” por uma expressão consecutiva, visto que a ideia seguinte (causando muitos perigos) é uma consequência da anterior (perda de reflexos).

c) Redação 3

Original:

1 A população brasileira sofre devido às grandes
2 quantidades de acidentes no trânsito envolvendo uma mis-
3 tura de álcool e direção. A irresponsabilidade de quem
4 faz uso dessa perigosa combinação fez o Estado implantar
5 um rigoroso controle que gerou a criação da Lei Seca.

15 O Estado, com a iniciativa de acabar com as mor-
16 tes no trânsito colocou em vigor a Lei Seca, que tem como
17 objetivo penalizar as pessoas que dirigem após ter feito o
18 uso de bebidas alcoólicas. Apesar da lei não estar a tam-
19 po tempo em vigor, já se obteve uma melhora significativa
20 Hoje em dia as pessoas diminuíram essas práticas e tentam
21 buscar alternativas para continuarem a fazer o que gostam
22 sem prejudicar a sociedade e colocar em risco a vida das pessoas.

Reescrita:

A população brasileira sofre devido à grande quantidade de acidentes no trânsito envolvendo uma mistura de álcool e direção. A irresponsabilidade de quem faz uso dessa

perigosa combinação fez o Estado implantar um rigoroso controle, que gerou a criação da Lei Seca.

[...]

O Estado, com a iniciativa de acabar com as mortes no trânsito, impôs a Lei Seca, que tem como objetivo penalizar as pessoas que dirigem após ter feito o uso de bebidas alcoólicas. Apesar de a Lei não estar a tanto tempo em vigor, já se obteve melhora significativa. Hoje, as pessoas diminuíram essa prática e tentam buscar alternativas para continuar a fazer o que gostam sem prejudicar a sociedade e colocar em risco a vida das pessoas.

Comentários:

No primeiro parágrafo, em “devido as grandes quantidades”, foi inserido o sinal grave, uma vez que se trata de uma locução prepositiva “devido a”. Também foi retirado o plural em “grandes quantidades”, pois a palavra “quantidade” já se refere a “grande número”, e, portanto, “quantidades” seria redundante. No período seguinte, foi inserida vírgula após “controle”, pois se trata de uma oração explicativa e, por isso, deve estar separada por vírgulas.

Foram inseridas duas vírgulas porque o trecho “com a iniciativa de acabar com as mortes no trânsito” foi deslocado para o meio da frase, entre o sujeito (Estado) e o verbo (colocou).

Em “Apesar da lei”, a preposição foi separada do artigo, pois o sujeito não pode ser preposicionado. Foi retirado o artigo indefinido “uma”, porque não pode ser considerado numeral, uma vez que a palavra em referência não pode ser quantificada nessa situação e, segundo consta do Dicionário Houaiss, o artigo indefinido “designa pessoa, animal ou algo ainda não mencionado ou identificado no texto ou no diálogo” ou é utilizado quando a “identificação [é] imprecisa e indeterminada tanto para o locutor quanto para o ouvinte”. Nesse caso, a troca foi sugerida para que a argumentação não seja enfraquecida, para que não seja entendido como “qualquer melhora”.

A palavra “hodierno” consta do Dicionário Houaiss como adjetivo que significa: “que existe ou ocorre atualmente; atual, moderno, dos dias de hoje”. Na condição de adjetivo, a palavra deveria se relacionar a algum substantivo, o que não ocorreu no texto. Aparentemente, o autor pretendia utilizar um advérbio que remetesse à época atual (como “atualmente”, por exemplo). Desse modo, o emprego da palavra estava inadequado.

Além disso, foi acrescentado acento agudo na palavra “diminuíram”, pois esta deve ser acentuada devido à regra de que as letras “u” e “i” receberão acento se estiverem sozinhas na sílaba, na segunda vogal do hiato e sem “nh” seguido delas.

3.2. Propostas de exercícios

A correção aqui proposta associa os conceitos de Foco na Forma, Gramática Reflexiva e os apresentados por Serafini e consiste em: como dito, o professor corrigirá um texto do aluno seguindo os métodos dos exemplos acima e, em um segundo momento, pedirá aos alunos que escrevam outro texto; então, o aluno entregará ao professor o texto “finalizado” e, na aula seguinte, o professor irá devolvê-lo corrigido, porém em forma de questionário, para que o próprio aluno consiga analisar quais foram as falhas cometidas, sejam elas em relação ao sentido, à forma, à gramática normativa ou à estrutura.

Por exemplo:

1. O trecho “[...]” foi alterado por que:

- a) Não se deve separar por vírgula o vocativo do verbo
- b) Não se deve separar por vírgula o objeto do vocativo
- c) Não se deve separar por vírgula o sujeito do verbo
- d) Não existia erro no trecho

2. Observe os seguintes fragmentos:

“A quarta-feira do futebol ou aquela sexta no bar com os amigos para aliviar a tensão da rotina álcool com certeza está presente, seja nas latas de cerveja ou em uma dose de vodka, o efeito do álcool acaba alterando o corpo de acordo com a quantidade ingerida [...]”.

“A quarta-feira do futebol ou aquela sexta no bar com os amigos, para aliviar a tensão da rotina, sempre têm o álcool presente, seja nas latas de cerveja ou em uma dose de vodka. Contudo, o efeito do álcool altera os sentidos de acordo com a quantidade ingerida [...]”.

O segundo fragmento é uma sugestão de reescrita, marque abaixo as opções que correspondem à justificativa da mudança de cada trecho:

a) Em relação à conjunção “Contudo”, inserida na reescrita:

- I. Foi inserida de forma inadequada, porque muda o sentido da frase;
- II. Foi inserida de forma adequada, porque permite que o leitor compreenda as ideias opostas das frases;
- III. Foi inserida de maneira adequada apenas para “quebrar” a frase que estava muito grande;

IV. Foi inserida de maneira inadequada, porque a palavra que deveria ser inserida é “Porque” ou algum sinônimo.

A segunda atividade deverá complementar a primeira e constituir-se da seguinte maneira: o aluno escreverá um texto no início de cada aula de gramática e o professor somente o devolverá ao final desta; então, o próprio aluno irá corrigi-lo e reescrever de acordo com o conteúdo aprendido na respectiva aula. Por exemplo, em uma aula sobre concordância nominal e verbal, o aluno apenas corrigirá em seu texto aspectos relacionados a esse tema.

Ao final de cada aula, o professor deverá ver as correções e reescritas feitas pelos alunos e, caso necessário, deverá apontar de forma clara, como nos exemplos acima, os erros cometidos, para que ele possa compreender o porquê de seu erro.

O mesmo texto será trabalhando ao longo de todo o bimestre dessa maneira. Assim, o aluno poderá aplicar o aprendizado adquirido em seu próprio texto, de acordo com o conteúdo aprendido, de forma que redação e gramática não sejam matérias distintas como ocorre na maioria das escolas.

Essas atividades são exemplos do que pode ser trabalhado em sala, de maneira que cada professor adapte os exercícios à série na qual irá utilizá-los. Dessa forma, fica claro que o professor pode, sim, trabalhar a revisão em sala para que o aluno desenvolva a capacidade de revisar qualquer texto que escrever dentro ou fora da escola e, assim, consiga desenvolver da melhor forma sua capacidade comunicativa e seu senso crítico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho se buscou apresentar aspectos relacionados ao ensino da produção textual, sob o enfoque da revisão de texto. Foram levantados problemas existentes no ensino, como métodos de ensino ultrapassados, por meio dos quais são passadas apenas regras gramaticais para os alunos, para que eles decorem e apliquem em frases soltas e descontextualizadas.

As dificuldades que muitos alunos têm de se expressar por meio de textos, e como eles, muitas vezes, veem a revisão – apenas como correção – também foram temas expostos.

Assuntos como a Gramática Reflexiva e o método Foco na Forma também foram tratados, uma vez que são bases para as soluções apresentadas.

Ademais, analisaram-se também teorias de como as pessoas aprendem para tornar clara a semelhança entre o aprendizado e a eficiência dos métodos apresentados.

Além disso, ficou demonstrado como a revisão é ferramenta essencial para se trabalhar conteúdos que vão além da memorização de regras gramaticais. Os aspectos trabalhados na revisão envolvem a visão de como funciona a língua e sua estrutura e o desenvolvimento do senso crítico sobre si que o aluno poderá adquirir.

Nesse sentido, acredita-se que as reflexões apresentadas e a elaboração das propostas possam ser utilizadas por professores ou futuros professores, não como modelo a ser seguido, mas como um exemplo que visa melhorar a qualidade do ensino de Língua Portuguesa, de modo que os três eixos (leitura, produção de texto e análise linguística) caminhem juntos durante as aulas e não separadamente, como se fossem temas distintos, como ocorre hoje.

Cada professor, contudo, deve conhecer seus alunos para, a partir daí, selecionar qual a melhor atividade a ser desenvolvida, objetivando, sempre, a reflexão do aluno para seu aprendizado e desenvolvimento de sua autonomia e senso crítico.

O que se espera é que, com incentivo à revisão e a métodos como os apresentados, os alunos apreciem mais o ato de escrever, para que assim seja possível formar bons escritores e acabar com as dificuldades de expressão por meio de textos.

BIBLIOGRAFIA

AZEREDO, José Carlos de. **Ensino de português: fundamentos, percursos, objetos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

Azevedo, F. **Ensinar e aprender a escrever através e para além do erro**. Porto: Porto Editora, 2003.

BAKHTIN, Michael. **Estética da Criação Verbal**. 3. ed. trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Bloom, B.; Hastings, J. T.; Madus, G.F., 1983 *apud* Abramowicz, 1996.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi. A revisão textual na sala de aula: reflexões e possibilidade de ensino. In:_____; LEAL, T. F. (Org.) **Produção de textos na escola: reflexões e práticas no ensino fundamental**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRONCKART, Jean Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. Trad. Anna Rachel Machado, Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 2003.

Conselho Nacional de Pesquisa dos Estados Unidos. **Como as pessoas aprendem**. Trad. Carlos David Szlak. São Paulo: Editora Senac, 2007.

FREUDENBERGER, F. **O uso dos turnos de “feedback” corretivo nas interações como foco na forma**. 2006. p. 462.

GERALDI, J.W. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LONG, Michael H. ROBINSON, Peter. **Focus on Form: Theory, research and practice**. In: DOUGHTY, Catherine. WILLIAMS, Jessica (Orgs). Focus on form in classroom second language acquisition. Cambridge: CUP, 2003.

LYRIO, A. L. L. **Ensino Comunicativo e Foco na Forma (FonF)**. In: I Jornada sobre Ensino de Línguas Estrangeiras. Vitória: EDUFES, 2011. V. 1. p. 1-26.

MARQUARDT, Lia Lurdes; GRAEFF, Telisa Furlanetto. Ensino de gramática e desenvolvimento de raciocínio. **Letras de Hoje**. Porto Alegre: PUCRS, v.21, n. 3, p.7-35, dez. 1986.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

Niza, I., Segura, J., & Mota, I. **Escrita – Guião de Implementação do Programa de Português do Ensino Básico**. Lisboa: Ministério da Educação, 2011.

OLIVEIRA, Risolei de Rosa Freire de. **Revisão de textos: da prática à teoria**. Natal: Edufrn, 2010.

OLIVEIRA, Maria Bernadete Fernandes de. **Ensino e escrita: questões teóricas e metodológicas**. In: PASSEGGI, Luis (Org.). Abordagens em Linguística Aplicada. Natal: Edufrn, 1998. p. 84.

PILATI, Eloisa. **Laboratório de Ensino de Gramática: questões desafios e perspectivas**. In: Josênia Vieira; Francisca Cordelia. (Org.). O que a distancia revela: reflexões de professores e estudantes do Curso de Letras EAD/UnB. Brasília: Gráfica e editora Movimento, 2014.

SERAFINI, Maria Teresa. **Como escrever textos**. 9. ed. São Paulo: Globo, 1998.

SOARES, Magda Becker. **Ensinando comunicação em língua portuguesa no 1º grau – Sugestões metodológicas 5ª a 8ª séries**. Rio de Janeiro: MEC/ Departamento de Ensino Fundamental, 1979.

ANEXOS

FOLHA DE REDAÇÃO

05 - 09 - 1995

1	Com isso, a implantação da lei seca, veio por prin
2	cipios de reduzir o uso da bebida alcoólica no trânsi
3	to, realizando seu papel de evitar o índice elevado de
4	acidentes no trânsito.
5	todavia, a sociedade trata o assunto como vilão sua
6	da a tragédia, porém muitos não sabem dessa
7	forma levada a esse assunto, não levando em con
8	sideração as consequências. De acordo com a lei
9	11.705/2008, será penalizado aquele que ultrapassar
10	o limite de balômetro.
11	como benefício à sociedade, o assunto é tratado
12	como um mais severo de esta forma , deixando
13	sempre informado a todas suas consequências, por
14	meio de propagandas, manchetes e afins. Em
15	suma, todas as consequências serão devidamente
16	trabalhadas, como forma de penalização, como:
17	multas, pontos na carteira, prisão, e até mesmo
18	recolhimento do veículo.
19	Não obstante, os efeitos da lei seca, trouxe be
20	nefício perante a sociedade, mas de todos os e
21	feitos, o governo deve continuar ampliando o
22	assuntos, como mais fiscalizações e mais faci
23	lidade no acesso ao transporte privado, dei
24	xando mais acessível para que possamos
25	evitar a utilização do álcool na condução
26	do veículo.
27	
28	
29	
30	

Instruções

- 1 Verifique se o seu nome completo, a sua data de nascimento e o número do seu CPF, impressos nesta FOLHA DE REDAÇÃO, estão corretos.
- 2 Preencha o seu nome completo, a sua data de nascimento, o seu CPF e assinie somente no local apropriado.
- 3 Transcreva sua redação com caneta esferográfica de tinta preta, fabricada em material transparente.
- 4 Não haverá substituição desta FOLHA DE REDAÇÃO por erro de preenchimento do PARTICIPANTE.
- 5 Escreva a sua redação com letra legível. No caso de erro, risque, com um traço simples, a palavra, a frase, o trecho ou o sinal gráfico e escreva, em seguida, o respectivo substitutivo.
- 6 Não será avaliado texto escrito em local indevido. Respeite rigorosamente as margens.
- 7 Não é permitido utilizar material de consulta.

FOLHA DE REDAÇÃO

20-01-1996

1	Segurança à noite e ao próximo.
2	A quarta-feira do futebol ou aquelas sextas
3	no bar com os amigos para aliviar a tensão
4	da rotina, o álcool com certeza está presente,
5	veja nos latices de cerveja ou em uma dose de
6	uísque, o efeito do álcool acaba alterando
7	o corpo de acordo com a quantidade ingerida
8	gerando vários efeitos principalmente para quem
9	quem dirige e põe deles a perda de reflexos in-
10	trínscos tornando perigosos.
11	A principal medida adotada pelo governo
12	para evitar ainda mais novos acidentes e mor-
13	tes ao volante é a lei seca que condena um im-
14	pacto e um certo desconforto à quem bebe. Policiais
15	fazem um grande trabalho com a lei seca,
16	multando e, em alguns casos, até apreendendo
17	quem dirige com álcool no corpo.
18	Foi para quem gosta de beber frequentemente
19	te, e uma boa ideia recorrer ao recreamento
20	com os amigos, seja a churrasco pagando com taxi
21	que certamente vale mais a pena que pagar
22	uma multa.
23	Essas são medidas cruciais para ter tran-
24	quilidade e conforto no trânsito diminuindo
25	o risco de perder familiares para o álcool.
26	
27	
28	
29	
30	

INSTRUÇÕES

- 1 Verifique se o seu nome completo, a sua data de nascimento e o número do seu CPF, impressos nesta FOLHA DE REDAÇÃO, estão corretos.
- 2 Preencha o seu nome completo, a sua data de nascimento, o seu CPF e assinie somente no local apropriado.
- 3 Transcreva sua redação com caneta esferográfica de tinta preta, fabricada em material transparente.
- 4 Não haverá substituição desta FOLHA DE REDAÇÃO por erro de preenchimento do PARTICIPANTE.
- 5 Escreva a sua redação com letra legível. No caso de erro, risque, com um traço simples, a palavra, a frase, o trecho ou o sinal gráfico e escreva, em seguida, o respectivo substitutivo.
- 6 Não será avaliado texto escrito em local indevido. Respeite rigorosamente as margens.
- 7 Não é permitido utilizar material de consulta.

FOLHA DE REDAÇÃO

29-12-1995

1	A população brasileira sofre devido as grandes
2	quantidades de acidentes no trânsito envolvendo uma mix
3	tura de álcool e direção. A irresponsabilidade de quem
4	faz uso dessa perigosa combinação fez o Estado implantar
5	um vigoroso controle que gerou a criação da Lei Seca.
6	A maioria das causas de mortes no trânsito
7	é resultado da falta de lucidez do motorista que fez uso
8	do álcool e da direção. Todos os anos são milhares de
9	vítimas, muitas são crianças ou pessoas que não estavam
10	alcoolizadas, mas devido a uma pessoa que fez uso dessa
11	combinação suas vidas foram colocadas em risco. Por isso
12	não basta apenas o controle do governo como forma de punir
13	os infratores, mas a criação de campanha educativa para
14	que os indivíduos tenham consciência dos seus atos.
15	O Estado com a iniciativa de acabar com as mor
16	tes no trânsito colocou em vigor a Lei Seca, que tem como
17	objetivo penalizar as pessoas que dirigem após ter feito o
18	uso de bebidas alcoólicas. Apesar da lei não estar a tão
19	to tempo em vigor, já se observou uma melhora significativa
20	nas atitudes das pessoas diminuindo essas práticas e tentando
21	buscar alternativas para continuarem a fazer o que gostam
22	sem prejudicar a sociedade e colocar em risco a vida das pessoas.
23	Como supracitado o álcool faz muitas vítimas no
24	trânsito e para que isso não aconteça é necessário que os
25	cidadãos ajudem o governo respeitando as regras que a
26	Lei Seca impõe e tendo consciência de que o álcool e
27	direção não é uma boa escolha.
28	
29	
30	

instruções

- 1 Verifique se o seu nome completo, a sua data de nascimento e o número do seu CPF, impressos nesta FOLHA DE REDAÇÃO, estão corretos.
- 2 Preencha o seu nome completo, a sua data de nascimento, o seu CPF e assinie somente no local apropriado.
- 3 Transcreva sua redação com caneta esferográfica de tinta preta, fabricada em material transparente.
- 4 Não haverá substituição desta FOLHA DE REDAÇÃO por erro de preenchimento do PARTICIPANTE.
- 5 Escreva a sua redação com letra legível. No caso de erro, risque, com um traço simples, a palavra, a frase, o trecho ou o sinal gráfico e escreva, em seguida, o respectivo substitutivo.
- 6 Não será avaliado texto escrito em local indevido. Respeite rigorosamente as margens.
- 7 Não é permitido utilizar material de consulta.